

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA

RENATA PECANHA OZORIO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

A Volta ao Mundo em 80 Dias (em Fr - "Le tour du monde en quatre-vingts jours") é um livro de Júlio Verne, escritor francês que conta a história de um inglês, Phileas Fogg, que tinha uma vida regrada e solitária, mas com muito dinheiro e, devido a uma aposta com seus amigos de jogo, resolve dar a volta ao mundo em 80 dias, acompanhado apenas de seu fiel empregado. Nessa viagem, viverá diversas aventuras e conhecerá vários lugares do mundo. Esta história já foi traduzida para diversas línguas e por causa dela, muitos ingleses já deram a volta ao mundo.

O Texto Gerador I é o início do segundo capítulo. Neste fragmento, PASSEPARTOUT SE CONVENCE DE QUE FINALMENTE ENCONTROU O SEU IDEAL.

Palavra, disse consigo Passepartout, ainda um pouco estonteado a princípio, conheci no museu de Madame Tussaud criaturas tão vivas quanto o meu novo patrão!

Convém dizer que as "criaturas" de Madame Tussaud são figuras de cera, muita visitadas em Londres, e às quais, na verdade, apenas falta a palavra.

Durante os poucos instantes em que acabava de entrever Phileas Fogg, Passepartout tinha rápida, mas cuidadosamente, examinado seu futuro patrão. Era um sujeito que parecia ter quarenta anos, de aspecto nobre e belo, estatura elevada, que não mostrava sequer um ligeiro excesso de peso, cabelos e suíças louros, testa lisa sem rugas nas têmporas, face mais pálida que colorida, dentes magníficos. Parecia possuir no mais alto grau o que os fisionomistas chamam de "o repouso na ação", faculdade comum a todos os que fazem mais obras que barulho. Calmo, fleumático, olhar límpido, pálpebra imóvel, era o tipo acabado desses ingleses de sangue frio que se encontram frequentemente no Reino Unido, e cuja atitude um pouco acadêmica Angelica Kauffmann maravilhosamente reproduziu nas suas telas. Visto nos diversos atos de sua existência, este gentleman dava a idéia de um indivíduo bem equilibrado em todas as suas partes, muito refletido, tão perfeito como um cronômetro de Leroy ou de Earnshaw. É que, efetivamente, Phileas Fogg era a exatidão personificada, o que

se via claramente pela “expressão dos seus pés e de suas mãos”, porque no homem, assim como nos animais, os próprios membros são em si órgãos expressivos das paixões.

Phileas Fogg era desses indivíduos, matematicamente exatos, que, jamais apressados e sempre prontos, são econômicos em seus passos e em seus movimentos. Não dava uma passada a mais, indo sempre pelo caminho mais curto. Não perdia tempo, sequer um instante, a olhar para o teto. Não se permitia um gesto supérfluo. Ninguém nunca o tinha visto comovido ou perturbado. Era o homem menos apressado do mundo, mas chegava sempre a tempo. Compreender-se-á, portanto, a razão por que vivia só, e por assim dizer fora de toda relação social. Sabia que na vida é preciso ter em conta os atritos, e como os atritos atrasam, para os evitar, não entrava em contato com ninguém.

Quanto a Jean, vulgo Passepartout, um verdadeiro Parisiense de Paris, nos cinco anos que habitava a Inglaterra e ali exercia em Londres a profissão de criado de quarto, em vão procurara um patrão a quem pudesse se afeiçoar.

Passepartout não era um desses Frontins ou Mascarilles que, empertigados, nariz ao vento, olhar firme, olho seco, não passam de impudentes velhacos. Não. Passepartout era um rapaz excelente, fisionomia amável, lábios um pouco salientes, sempre prontos para degustar ou para acariciar, um ser doce e serviçal, com uma dessas cabeças redondas que a gente gosta de ver sobre os ombros de um amigo. Tinha os olhos azuis, a cor do rosto animada, a figura suficientemente gorda para que pudesse ver seus joelhos, peito amplo, talhe forte, uma musculatura vigorosa e possuía uma força hercúlea que os exercícios da sua mocidade tinham desenvolvido muito. Seus cabelos castanhos eram um pouco revoltos. Se os escultores da Antiguidade conheciam dezoito maneiras de compor a cabeleira de Minerva, Passepartout só conhecia uma para arranjar a sua: três passadas de pente, e estava penteado.

Dizer que o caráter expansivo deste rapaz haver-se-ia de harmonizar com o de Phileas Fogg, é coisa que a prudência mais elementar não permite dizer. Seria Passepartout o criado funcionalmente exato que convinha a seu patrão? Só o tempo diria. Depois de ter tido, como se sabe, uma mocidade bastante vagabunda, aspirava ao repouso. Tendo ouvido

gabar o metodismo inglês e a proverbial frieza dos gentlemen, veio procurar fortuna na Inglaterra. Mas, até então, a sorte lhe fora ingrata. Não pudera se enraizar em parte alguma. Servira em dez casas. Em todas, os patrões eram caprichosos, extravagantes, e gostavam, ou de correr aventuras, ou correr países – o que não poderia convir a Passepartout. Seu último patrão, o jovem Lord Longsferry, membro do Parlamento, depois de passar suas noites nos “oysters-rooms” de Haymarket, voltava com muita frequência para casa sobre os ombros dos policemen. Passepartout, que queria acima de tudo ter respeito por seu patrão, arriscou algumas respeitadas observações, que foram mal recebidas, e rompeu. Neste meio tempo soube que Phileas Fogg, esquire, procurava um criado. Tirou informações a respeito deste gentleman. Um personagem cuja existência era tão regular, que não trasnoitava, que não viajava, que não se ausentava jamais, sequer um dia, certamente lhe conviria. Apresentou-se e foi admitido nas condições que sabemos.

Passepartout – ao soarem onze e meia – achava-se pois só na casa de Saville Row. Começou logo a inspeção. Percorreu-a do porão ao sótão. Esta casa limpa, arranjada, severa, puritana, bem organizada para o serviço doméstico, agradou-lhe. Produziu nele o efeito de uma bela casca de caracol, mas de uma casca iluminada e aquecida a gás, porque ali o hidrogênio carburado bastava para todas as necessidades de luz e de calor. Passepartout encontrou sem dificuldade, no segundo pavimento, o quarto que lhe fora destinado. Ele lhe convinha. Campainhas elétricas e tubos acústicos punham o quarto em comunicação com os apartamentos de baixo e do primeiro andar. Sobre a chaminé havia um relógio de pêndulo elétrico que estava acertado pelo do quarto de dormir de Phileas Fogg, e os dois aparelhos marcavam ao mesmo tempo, o mesmo segundo.

Convém-me, convém-me! disse consigo Passepartout.

Reparou também, no seu quarto, em um cartaz colocado acima do relógio. Era o programa do serviço quotidiano. Compreendia – desde as oito da manhã, hora regulamentar a que Phileas Fogg se levantava, até às onze e meia, hora em que saía para ir almoçar no Reform Club – todos os detalhes do serviço, o chá e as torradas das oito e vinte e três, a água para a barba das nove e trinta e sete, o penteado das dez menos vinte, etc. Depois, das onze e

meia da manhã até à meia noite – hora em que metodicamente o gentleman se deitava – tudo estava anotado, previsto, regulamentado. Passepartout encontrou grande satisfação em meditar este programa e em gravar os seus diversos artigos no espírito.

Quanto ao guarda-roupa do patrão, estava ele bem fornecido e maravilhosamente disposto. Cada calça, casaco ou colete tinha um número de ordem reproduzido num registro de entradas e de saídas, indicando a data em que, segundo a estação, estas vestimentas deveriam ser por seu turno usadas. Mesma regulamentação para os sapatos.

Em uma palavra, nesta casa de Saville Row, que deveria ter sido o templo da desordem na época do ilustre mas dissipado Sheridan – havia uma mobília confortável, anunciando um belo descanso. Nada de biblioteca, nada de livros, que seriam sem utilidade para Mr. Fogg, posto que o Reform Club colocava à sua disposição duas bibliotecas, uma consagrada às letras, outra ao direito e à política. No quarto de dormir, um cofre-forte de tamanho médio, cuja construção o punha a salvo tanto de incêndio quanto de roubo. Nada de armas na casa, nenhum utensílio de caça ou de guerra. Tudo ali denunciava os hábitos mais pacíficos.

Após ter examinado esta habitação em detalhes, Passepartout esfregou as mãos, o semblante dilatou-se-lhe e repetiu alegremente:

– Convém-me! é disso que gosto! Entender-nos-emos perfeitamente, Mr. Fogg e eu! Um homem caseiro e regular! Um verdadeiro robô! Ora, não me importa servir um robô!

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Em uma narrativa, ao longo do desenrolar dos fatos, o leitor começa a conhecer um pouco mais das personagens que participam da história por meio das informações que o narrador vai fornecendo sobre elas. A partir da leitura da obra, é possível descrever suas personagens.

Habilidades Trabalhadas

- Identificar e diferenciar personagens protagonistas e antagonistas.
- Relacionar as características físicas dos personagens à sua composição como um todo.

a) Quem é o protagonista? Como você o descreve?

O protagonista é Phileas Fogg, um homem de seus quarenta anos, o rosto nobre e bonito, alto, obesidade leve, não gosto, cabelos loiros e costeletas, testa lisa, sem rugas nas têmporas, ao invés de rosa pálido e um magnífico conjunto de dentes, trabalhador, calmo, fleumático, os olhos e as pálpebras ainda quente. Diz-se também que é a precisão em pessoa.

b) Quem acompanha o protagonista? Como você o descreve? Qual é a diferença entre os personagens do protagonista e seu servo?

Seu servo Jean Passepartout é jovem nos seus 30 anos e francês, um homem que poderia resolver qualquer problema que se apresentou. Ele foi pontual e sincero. Phileas Fogg era muito mais oportuna e Passepartout idade. Em vez disso Passepartout é muito mais falador do que o seu mestre.

QUESTÃO 2

As figuras de linguagem são estratégias utilizadas pelo autor para apresentar, de forma mais expressiva, o seu pensamento, tornando o texto mais belo, mais interessante e até mais profundo. Em romances, de uma forma geral, várias figuras são utilizadas pelo autor com esses objetivos. Algumas das mais recorrentes são a **comparação**, a **metáfora** e a **metonímia**. Observe o quadro:

1) Metáfora ocorre quando um termo substitui outro devido a uma relação de semelhança entre eles. Parece-se com uma comparação, mas sem o uso do conectivo.

II) Metonímia é quando há substituição de uma palavra por outra, havendo entre elas algum grau de semelhança, relação ou proximidade de sentido. Não chega a ser uma comparação como a metáfora, mas sim uma troca de termos que se aproximam (o autor pela obra, a espécie pelo indivíduo, o conteúdo pelo continente, o produto pela marca etc.)

III) Comparação é a aproximação de dois termos entre os quais existe alguma relação de semelhança, como na metáfora. A comparação, porém, é feita por meio de um conectivo (com, como, parecia e etc) e busca realçar determinada qualidade do meio termo (como, tal, qual, assim, quanto etc.).

Agora observe a passagem selecionada do Texto Gerador I:

“este gentleman dava a idéia de um indivíduo bem equilibrado em todas as suas partes, muito refletido, tão perfeito como um cronômetro de Leroy ou de Earnshaw”

Há, na passagem, uma comparação, uma metáfora ou uma metonímia? Explique.

Habilidade Trabalhada

- Identificar as figuras de linguagem recorrentes no gênero estudado.

Com base no quadro explicativo, o aluno observará que a metáfora se constrói por meio de uma comparação quase direta entre dois elementos, faltando, para isso, apenas a utilização de um conectivo do tipo —como, —tal qual etc. Já a metonímia funciona como uma comparação parcial uma vez que substitui uma parte de um elemento por seu todo, como é assinalado na própria explicação (o autor pela obra, a espécie pelo indivíduo, o conteúdo pelo continente, o produto pela marca etc.). E a comparação é uma figura de linguagem semelhante à metáfora usada para demonstrar qualidades ou ações de elementos. A relação

entre esses elementos pode formar uma comparação simples ou uma comparação por símile, e o elemento comparativo estará expreso.

Assim, analisando o trecho do quadro, espera-se que o aluno perceba que há a comparação, que consiste na aproximação de duas ideias diferentes em uma característica comum a ambas, por meio de nexos comparativos (tal qual, tal, como, etc.). É a aproximação de dois termos entre os quais existe alguma relação de semelhança, como na metáfora. A comparação, porém, é feita por meio de um conectivo (com, como, parecia e etc) e busca realçar determinada qualidade do meio termo (como, tal, qual, assim, quanto etc.) como ocorre no trecho destacado "perfeito como um cronômetro".

QUESTÃO 3

“Era um sujeito que parecia ter quarenta anos, de aspecto nobre e belo, estatura elevada, que não mostrava sequer um ligeiro excesso de peso, cabelos e suíças louros, testa lisa sem rugas nas têmporas, face mais pálida que colorida”

Habilidades Trabalhadas

– Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

– Usar adequadamente o dicionário.

– Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito do conteúdo.

Agora, responda às perguntas:

a) Copie o verbete “têmpora” do dicionário.

TÊMPORA s.f. Anatomia. Parte lateral da cabeça, compreendida entre o olho, a fronte, a orelha e a bochecha; fonte (usa-se mais no pl.).

Liturgia. Os três dias de jejum que há numa semana em cada estação do ano, segundo o rito católico.

(<http://www.dicio.com.br/tempora/>)

b) Qual é a classe gramatical da palavra “têmpora”?

A palavra é um substantivo feminino (s.f.).

c) Qual é o significado da palavra na passagem do texto destacada no quadro?

Trata-se, no texto, da parte lateral da cabeça, compreendida entre o olho, a fronte, a orelha e a bochecha.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Com o Novo Acordo Ortográfico, que vem sendo implementado nos países de língua portuguesa, uma série de palavras do nosso dia a dia sofreu alterações na sua forma escrita. No trecho abaixo, há uma palavra que sofreu alterações em sua acentuação gráfica após o novo acordo. Identifique e explique a alteração.

“Visto nos diversos atos de sua existência, este gentleman dava a idéia de um indivíduo bem equilibrado em todas as suas partes...”

Habilidade Trabalhada

– Identificar e corrigir dificuldades ortográficas recorrentes.

De acordo com o novo acordo ortográfico, a palavra "ideia" deve ser escrita sem acento agudo. Na nova regra, as paroxítonas com os ditongos abertos "ei e "oi perdem o acento.

Exemplos:

Antes – depois

Alcatéia – alcateia

Andróide – androide

Apóia – apoia

Assembléia – assembleia

Asteróide – asteroide

Colméia – colmeia